

“MINHA LUTA” DE ADOLF HITLER: PROPOSTA DE ANÁLISE DISCURSIVA SOB A PERSPECTIVA PSICANALÍTICA

Cassiel José Ribeiro Siegl (IC) e Eduardo Fraga de Almeida Prado (Orientador)

Apoio: PIBIC Mackenzie

RESUMO

Durante a primeira metade do século XX, o mundo enfrentou duas Guerras Mundiais e vivenciou a ascensão e queda dos regimes totalitários, destacando-se o regime nazista, iniciado em 1933 encerrado em 1945. Contudo, as origens dos ideais nacional-socialistas remetem a um período anterior à tomada de poder na Alemanha, estando ligadas ao contexto histórico e cultural no qual a Alemanha encontrava-se inserida, assim como à vida de Adolf Hitler, relatada em sua autobiografia intitulada “Minha Luta” (1926). Esta pesquisa realizou uma análise discursiva da autobiografia, valendo-se da metapsicologia psicanalítica e dos estudos sobre o contexto cultural vigente à época para promover uma reflexão crítica a respeito da disseminação da ideologia nazista. Para tanto, foram selecionados 9 textos freudianos, lidos em ordem cronológica. Os procedimentos metodológicos consistiram em dividir a autobiografia em duas categorias temáticas: aspectos afetivo-relacionais e campo político. Os resultados encontrados permitem argumentar a favor de que o discurso do autor sofreu influência das frustrações que vivenciou ao longo de sua vida, especialmente em relação à impossibilidade de seguir sua carreira artística e da desilusão com a social-democracia. Ademais, é possível inferir que Adolf Hitler possuía de fato conhecimentos sobre a disseminação de ideias em meio às massas, valorizando especialmente a figura de um líder preparado que pudesse eliminar aqueles que considerava como os grandes inimigos do povo alemão: os judeus. Pelo fato de a pesquisa limitar-se a uma análise de sua autobiografia antes de ascender ao poder, há ainda temas passíveis de serem explorados em pesquisas futuras.

Palavras-chave: Nazismo. Análise discursiva. Psicanálise freudiana.

ABSTRACT

During the first half of the 20th century, the world faced two World Wars and lived the rise and fall of the totalitarian regimes, highlighting the Nazi regime, which began in 1933 and ended in 1945. However, the origins of the National Socialist ideals refer to a period before the seizure of power in Germany, being linked to the historical and cultural context in which Germany was insert, as much as Adolf Hitler’s life, reported in his autobiography entitled “My Struggle” (1926). This research carried out a discourse analysis of the autobiography, by using the psychoanalytic metapsychology and the studies about the cultural context in force at the time to promote a critical reflection about the spread of the Nazi ideology. Therefore, 9 Freudian texts were selected and read in chronological order. The methodological procedures consisted

in dividing the autobiography in two thematic categories: affective-relational aspects and political field. The results found allow to argue in favor of the author's discourse being influenced by the frustrations he lived during his life, especially those related to the impossibility of following his artistic career and the disillusionment with social democracy. Furthermore, it is possible to infer that Adolf Hitler had indeed knowledge about the spread of ideas among the masses, valuing especially the figure of a prepared leader that could eliminate those considered as the great enemies of the German people: the Jews. Due to the fact that the research is limited to an analysis of his autobiography before rising to power, there are still topics that could be explored in future research.

Keywords: Nazism. Discourse analysis. Freudian Psychoanalysis.

1. INTRODUÇÃO E REFERENCIAL TEÓRICO

O fenômeno do nazismo é um desafio à compreensão. Tendo em vista o contexto do início do século XX e as dificuldades impostas pelo Tratado de Versalhes, Adolf Hitler percebeu as angústias e incertezas de seu povo e prometeu-lhes aquilo que ansiavam: um futuro glorioso. No entanto, para Capelato (1995), os nazistas se aproveitaram desse cenário para intensificar o ideal germânico de superioridade presente na Alemanha. Além disso, esse ideal exerceu influência na ideologia do partido nazista e norteou a escrita de “Minha Luta”.

Em 1914, o psicanalista Sigmund Freud definiu o conceito de “instinto” como “o representante psíquico de uma fonte de estímulo endossomática, continuamente a fluir [...] um conceito que se acha na fronteira entre o mental e o físico” (1914/1996, v. VII, p. 171), funcionando como a matriz energética do aparelho psíquico. A partir dessa definição, apresentou uma primeira divisão entre os instintos sexuais e os de autopreservação, constituindo o primeiro dualismo pulsional.

Freud também recorreu a sua experiência clínica para notar que sempre havia repressões para a plena satisfação dos instintos sexuais em decorrência do pacto civilizatório. Essas repressões provinham do próprio ego, de modo que, quando alguém era capaz de fixar um ideal em si mesmo, cedia mais facilmente a seus impulsos. Entretanto, quando a libido não encontrava satisfação por via direta, havia também a possibilidade de esta se voltar para o próprio ego. Neste caso, esse investimento libidinal narcísico origina o ego ideal remetendo o sujeito à experiência de ilusão de onipotência, uma vez que se encontra identificado àquilo que é idealizado [eu ‘sou’ o ideal] (FREUD, 1914/1996).

Para Freud (1914/1996), a finalidade da escolha objetal consiste em ser também amado, porém, quando não se tem essa retribuição, há um retorno da libido objetal ao ego e posterior “deslocamento da libido em direção a um ideal do ego imposto de fora, sendo a satisfação provocada pela realização desse ideal” (1914/1996, v. XIV, p. 62), ou seja, ocorre uma tentativa de satisfação de forma substitutiva do desejo de ser amado em um ideal, de modo que a escolha objetal se dá em direção àquilo que a pessoa um dia acredita ter sido e não é mais, ou então a libido é direcionada àquilo que possui as excelências que jamais teve. Neste sentido, a satisfação do sujeito assume também um aspecto social, constituindo ideais de família ou nação, por exemplo. A partir dessa perspectiva, Freud (1921/2020) argumentou que nas “massas primárias” – aquelas em que se forma uma homogeneidade mental entre os indivíduos – é possível que a figura de um líder forme com aqueles que o seguem uma relação hipnótica, assumindo para si o lugar de ideal do

ego. Neste sentido, “[...] tal massa primária consiste de certo número de indivíduos que colocaram um único e mesmo objeto no lugar de seus ideais do eu e que, por conseguinte, se identificaram uns com os outros em seus eus” (1921/2020, p. 118).

O primeiro dualismo pulsional de Freud sofreu uma mudança ao longo de sua obra. Assim, Azevedo e Neto (2015) destacam a importância do fenômeno observado pelo psicanalista denominado “compulsão à repetição”, no qual Freud constatou que mesmo experiências traumáticas eram lembradas, o que ia de encontro ao Princípio do Prazer. Freud (1920/1996) então elaborou o segundo dualismo pulsional, agrupando os instintos sexuais e do ego como “instintos de vida”, responsáveis pelas ligações a diferentes objetos; e a tendência do aparelho psíquico em realizar os desligamentos, controlar o *quantum* afetivo e, finalmente, buscar um retorno a um “estado inanimado” foi definido como “instinto de morte”. Neste sentido, Freud compreende a destrutividade como uma forma de realizar os desligamentos do objeto, destruindo-o. O autor justifica a denominação de instinto de morte: “[...] se tomarmos como verdade [...] o fato de tudo o que vive morrer por razões *internas*, tornar-se mais uma vez inorgânico, seremos então compelidos a dizer que ‘o objetivo de toda vida é a morte’” (1920/1996, v. XVIII, p. 26).

O ponto de partida desta pesquisa residiu na busca pela compreensão da autobiografia de Adolf Hitler a partir da análise de discurso psicanalítica; já o objetivo residiu na busca de uma reflexão crítica, a respeito da disseminação da ideologia nazista sob esta mesma perspectiva teórica e metodológica.

2. METODOLOGIA

Trata-se de pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo. De acordo com Minayo (2014), pesquisas qualitativas têm como objetivo a compreensão da lógica interna de indivíduos ou grupos no que se refere a valores culturais e representações sobre sua história, relações entre pessoas, movimentos sociais e instituições, assim como processos históricos, sociais e de implementação de políticas públicas. Segundo Gil (2002), uma pesquisa bibliográfica é indispensável em estudos históricos, visto que é o único modo de se obter informações sobre o passado, destacando também que esse tipo de pesquisa permite ao investigador “a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (2002, p. 45).

Para a realização desta pesquisa, foi utilizado o método psicanalítico. De acordo com Figueiredo (2014), a fim de se obter uma análise que não seja reducionista, esta deverá buscar abranger um pensamento psicanalítico em ação, não uma “psicanálise aplicada”, ou seja, deve-se evitar que a obra fique submetida às verdades psicanalíticas, de modo

que seja permitido surgir uma dupla restituição, na qual “a obra e a psicanálise são devolvidas a si mesma no sentido de que a psicanálise – procedimentos e ideias – retorna à sua posição reservada, deixando mais iluminado e potente seu objeto” (p. 91).

Os procedimentos residiram na leitura em ordem cronológica dos textos metapsicológicos de Freud e estudos sobre cultura. Foram selecionados: *Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna* (1908), *Sobre o Narcisismo: Uma Introdução* (1914), *Os Instintos e suas Vicissitudes* (1915), *Além do Princípio de Prazer* (1920), *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921), *O Futuro de uma Ilusão* (1927), *O Mal-estar na Civilização* (1930), *Por que a Guerra?* (1933), e *Moisés e o Monoteísmo* (1939).

A estratégia de leitura empregada selecionou passagens significativas de “Minha Luta” organizadas em duas grandes categorias: aspectos afetivo-relacionais e campo político, ambas divididas em subcategorias. Quanto à análise de discurso sob a perspectiva psicanalítica, “o texto original [foi] desconstruído, desmontado, recortado, e reconstruído segundo certas linhas de força [...]” (FIGUEIREDO; MINERBO, 2020, p. 269).

3. RESULTADO E DISCUSSÃO

Foram criadas duas categorias divididas em oito subcategorias. Isto posto, passemos à análise da primeira categoria, denominada “Aspectos afetivo-relacionais”, que explorará, por meio de suas subdivisões, os temas relação com objetos parentais (3.1.1) e ambições artísticas (3.1.2). Já o “Campo político” abordará as subcategorias Viena multicultural (3.2.1), economia e estratificação social (3.2.2), concepção de Estado germânico (3.2.3), indústria de propaganda e psicologia das massas (3.2.4) e eugenia e necropolítica (3.2.5).

3.1 ASPECTOS AFETIVO-RELACIONAIS

3.1.1 RELAÇÃO COM OBJETOS PARENTAIS

Durante a primeira parte do livro, Hitler inicia sua autobiografia com a recapitulação de sua infância. Ele descreve que sua mãe cuidava dos afazeres domésticos e que seu pai era funcionário público, trabalhando ao longo da vida em várias cidades austríacas, buscando sempre uma função mais elevada para melhorar a situação financeira. Porém, após a aposentadoria, seu pai acabou trabalhando como lavrador. Quanto a Hitler, durante este período, descobriu seu talento verbal e começou a ler e se entusiasmar pela história militar alemã, julgando inconcebível que os alemães que, assim como ele, viviam na Áustria não pudessem pertencer ao império de Bismarck. Refletindo sobre sua infância, Hitler a descreve inicialmente como um período feliz, contudo, sua relação com

o pai o faz descrevê-la como “dias [...] cheios de pesares” (1926/2018, p. 18).

Aos 13 anos, relata o falecimento do pai e que, apesar de seus desentendimentos, sentia que o que ele mais desejava era poupar o filho de muitas dificuldades. Dois anos mais tarde, ele perde a mãe também em decorrência de uma enfermidade.

Pensando-se na relação de Hitler com seus pais, é possível articulá-la com o texto “Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna” (1908). Nesta obra, Freud analisa o modo como o pacto civilizatório faz parte da etiologia da psicose. O psicanalista aponta que a partir da pressão exercida pelos pais para que os filhos cumpram com as exigências da moral civilizada, pode-se pensar a relação de respeito e temor que Hitler tinha com a figura paterna como repressora, considerando-se as condições nas quais foi criado.

Freud destaca a frequência com que “filhos de casais procedentes de rudes e vigorosas famílias camponesas que viviam em condições simples e saudáveis, e que, fixando-se em cidades, num curto espaço de tempo elevaram seus filhos a um alto nível cultural” (1908/1996, v. IX, p. 98). De acordo com o autor, isso provoca nas pessoas um desejo de serem melhores do que seriam capazes de ser com sua origem (FREUD, 1908/1996). Partindo-se deste ponto, é possível inferir a influência que a aspiração de conseguir um cargo mais elevado do pai de Hitler teve sobre o filho. Esta busca por “elevação” pode ser também parte da crença de uma suposta superioridade germânica/ariana.

Neste mesmo texto, Freud reflete sobre os filhos de um casal sujeito à moral sexual civilizada:

[...] Uma esposa neurótica, insatisfeita, torna-se uma mãe excessivamente terna e ansiosa, transferindo para o filho a sua necessidade de amor. Dessa forma ela o desperta para a precocidade sexual. Além disso, o mau relacionamento dos pais excita a vida emocional da criança, fazendo-a sentir amor e ódio em graus muito elevados ainda em tenra idade. Sua educação rígida, que não tolera qualquer atividade dessa vida sexual precocemente despertada, vai em auxílio da força supressora e esse conflito, em idade tão tenra, fornece todos os elementos necessários ao aparecimento de uma doença nervosa que durará toda a vida (FREUD, 1908/1996, v. IX, p. 110).

Apesar de não detalhar a relação com sua mãe, Hitler afirma tê-la amado verdadeiramente e sugere que ela possa ter sido uma mãe “excessivamente terna e ansiosa”. Ademais, destaca-se o papel da educação rígida trazida por Freud (1908/1996) na constituição da doença nervosa de Hitler, pois este considerava que era obrigado por seu pai a estudar diversas matérias “inúteis”.

Outro ponto destacado por Freud (1927/1996) é que a frustração – definida por ele como “o fato de um instinto não poder ser satisfeito” (1927/1996, v. XXI, p. 7) – faz com

que uma classe de pessoas, os neuróticos, desenvolvam um comportamento “associal”. Em “Análise Terminável e Interminável” (1937/1996), o autor afirma que o processo civilizatório gera frustrações, visto que o instinto de destrutividade presente em todas as pessoas não pode ser plenamente satisfeito. Segundo o psicanalista, o Ego aprende a adotar uma atitude defensiva contra o próprio Id, tratando suas exigências instintuais como algo externo e, pela influência posterior da educação, remove a cena de conflito de fora para dentro, dominando o perigo interno antes que seja externalizado, utilizando-se dos chamados mecanismos de defesa que, “[...] por ocasionarem uma alienação cada vez mais ampla quanto ao mundo externo e um permanente enfraquecimento do ego, preparam o caminho para o desencadeamento da neurose e o incentivam” (1939/1996, v. XXIII, p. 154). De acordo com Freud (1927/1996), um dos desejos instintuais que acabam padecendo sob a civilização e suas exigências morais é o da ânsia de matar, algo muito observado no movimento nazista em relação a povos como os judeus.

3.1.2 AMBIÇÕES ARTÍSTICAS

Hitler narra que herdou de seu pai a busca por aspirações mais elevadas de carreira. Ademais, após a morte deste, a mãe do autor assumiu a responsabilidade por sua educação e permitiu que ele saísse da escola profissional no intuito de que se tornasse funcionário público, permitindo ao filho a possibilidade de buscar seu sonho de ser artista. No entanto, após a morte de sua mãe, o autor se viu obrigado a abandonar definitivamente os estudos e mudar-se para Viena para trabalhar como pintor. Na capital austríaca, Hitler vivenciou mais uma grande frustração ao ser recusado na Academia de Belas-Artes, período que ele considera o mais triste de sua vida.

Tomando como base a questão trazida por Freud (1908/1996), é possível pensar o quão impactante foi para Hitler ter tido seu sonho desencorajado por seu pai e, posteriormente, ter sido recusado na Academia de Belas-Artes. Partindo do princípio de que o apreço do futuro líder nazista por artes é uma relação objetual sublimada e, portanto, uma via substitutiva de satisfação aos instintos sexuais e agressivos, ter tido seu sonho impedido pode ter gerado uma grande frustração, gerando poucas alternativas para realizar novos investimentos objetais.

3.2 CAMPO POLÍTICO

3.2.1 VIENA MULTICULTURAL

A respeito das condições em que vivia a população vienense na época em que Hitler

mudou-se para lá, havia altos índices de pobreza e o Estado Austríaco é responsabilizado por isso. Segundo o autor um impacto decorrente do abandono estatal é que o povo germânico jamais adquiriria o orgulho nacionalista, assim como não respeitaria qualquer autoridade.

Algo que também o incomodava era a identificação menor dos alemães austríacos com a pátria. Segundo o autor, isso era decorrente das muitas nacionalidades que viviam na antiga Áustria e à dinastia dos Habsburgos, que permitia esse convívio, assim como a “eslavização” do país. Para ele, “na fatal aliança do jovem império alemão com o arremedo de Estado austríaco estava o germe da Grande Guerra, mas também o do desmembramento” (1926/2018, p. 17), ou seja, ele identificou na Áustria e em seu patriotismo dinástico oposto ao germanismo a razão para a derrota da Tríplice Aliança, passando a crer que somente a destruição de seu país-natal e da Casa dos Habsburgos trariam a felicidade do povo alemão.

Pelo fato de Adolf Hitler ter nascido na Áustria e não na Alemanha, é possível que ele também se sentisse à margem daquele que seria o grande Estado germânico, o que pode ter gerado mais um motivo de frustração. Freud, em seu texto “Os Instintos e suas Vicissitudes” (1915/1996), apresenta uma análise a respeito da projeção daquilo que se encontra no sujeito e que lhe causa desprazer. Segundo o autor, isola-se parte do próprio ego e projeta-se no mundo externo, sentindo-a como hostil. Tendo isso como premissa, pode-se pensar que o futuro líder nazista desprezava ter, ele próprio, uma origem diferente da que entendia como ideal, de modo que passou a desejar que, antes que não houvesse mais uma distinção entre as duas nações de origem germânica, sua terra-natal destruísse aqueles elementos que ele considerava impróprios, como a presença de povos eslavos no território e a Casa dos Habsburgos.

Sobre a dinastia que governava seu país, focando o sentimento de ódio que o autor de “Minha Luta” nutria pelo governo, é possível relacionar com aquilo que Freud (1915/1996) apresenta sobre a repulsão ao objeto que priva o sujeito de realizar a satisfação de seus instintos de autopreservação. De acordo com o psicanalista, esse ódio pode intensificar-se ao ponto de surgirem inclinações agressivas e a intenção de destruir o objeto. Pensando-se do ponto de vista de Hitler, sua autopreservação poderia estar ameaçada por um governo omissivo que pouco ou nada fazia para melhorar as condições de vida de sua população, fazendo emergir tal sentimento.

3.2.2 ECONOMIA E ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL

No período em que se mudou para Viena, Hitler discorre sobre sua desilusão com a

social-democracia, visto que admirou, em um primeiro momento, sua luta pelo voto secreto e universal, todavia o fato de não lutarem pela “conservação do espírito germânico” (1926/2018, p. 34) o fez abandonar esse posicionamento político. Segundo ele, sua ilusão foi quebrada quando foi intimado a entrar em um sindicato – o que recusou-se a fazer, passando a opor-se veementemente à visão ali apresentada de que a pátria era uma invenção das classes dominantes para explorar os trabalhadores. Ele afirma que a grande adesão de proletários a esse movimento se deve a sentirem-se “derrotados na sua oposição pela conduta idiota do partido burguês combatendo todas as reivindicações da massa dos trabalhadores” (1926/2018, p. 39), ou seja, acreditava que a social-democracia se aproveitava da classe operária para utilizá-la como tropa na luta de classes, subvertendo a atividade sindical que, de acordo com ele, atenderia aos interesses nacionais se feita de maneira adequada. Em sua visão, a luta de classes é algo que “mata a compaixão no coração humano e estanca a simpatia pelos sofrimentos dos que ficam atrás” (1926/2018, p. 24).

Destaca-se também sua consideração a respeito dos conflitos existentes entre os pequenos burgueses e “o verdadeiro operário”, crendo que a divergência entre ambos baseia-se no receio deste primeiro grupo em descer à antiga posição de proletariado.

Em sua obra “Os Instintos e suas Vicissitudes” (1915/1996), Freud alude à questão da mudança de conteúdo, na qual um objeto antes amado pode ser odiado, o que se relaciona com a desilusão que Hitler vivenciou para com a social-democracia. Um exemplo que ilustra essa ambivalência é justamente a relação de Hitler com os sindicatos. Hitler comenta sobre como o movimento sindical se aproveitava dos operários para mobilizá-los em uma luta de classes. Entretanto, ressalta também como os direitos da classe trabalhadora deveriam ser atendidos para a constituição do Estado germânico. Em sua concepção, era importante que a população “ariana” tivesse condições de vida dignas para que não se mobilizasse contra o governo.

3.2.3 CONCEPÇÃO DE ESTADO GERMÂNICO

O autor faz suas considerações políticas refletindo sobre como se organizava o governo da época de sua juventude, alegando que seu ódio não era direcionado à instituição do parlamento, já que a considerava como o único caminho que se opunha a uma ditadura – “um crime contra a liberdade e contra a razão” (1926/2018, p. 59). Para ele, um Estado germânico só poderia se formar se um número reduzido de pessoas estivesse à frente do parlamento, pois não considerava a grande massa como apta para compreender política e escolher pessoas adequadas para este objetivo. Considerava

“imprestável” que as decisões fossem tomadas em assembleias e não por alguém que “[...] realmente ultrapassa a medida normal do tipo médio [...]” (1926/2018, p. 68).

É plausível argumentar que, quando o autor faz referência a um “grande líder”, estivesse pensando em si. Freud (1927/1996) diz que é natural ao homem personificar ideias¹, o que torna possível pensar que muitos daquele período buscavam criar a imagem de um “pai primevo” que os livrasse das angústias vividas no pós-Guerra. No entanto, Freud (1927/1996) alerta que “[...] só uma única pessoa se poderia tornar irrestritamente feliz através de uma tal remoção das restrições da civilização, e essa pessoa seria um tirano, um ditador, que se tivesse apoderado de todos os meios de poder” (1927/1996, v. XXI, p. 11).

Um ponto a se destacar é que Hitler acreditava que havia uma conspiração judaica para colocar os estados alemães uns contra os outros. Segundo ele, a concepção trazida por Bismarck foi deturpada pelos judeus, já que antes os estados tinham autonomia financeira e respondiam ao *Reich* e, naquele momento, se viam sufocados pela República. Para Hitler, “[...] a República está demonstrando fraqueza no exterior e oprimindo os seus cidadãos no interior” (1926/2018, p. 408).

É possível que a liberdade econômica e certos privilégios das classes mais abastadas, em grande parte, de judeus fossem um motivo de inveja para Hitler. De acordo com Freud (1927/1996), classes desfavorecidas tendem a fazer de tudo para se liberarem de seu excesso de privação. Segundo o psicanalista, “[...] é compreensível que as pessoas assim oprimidas desenvolvam uma intensa hostilidade para com uma cultura cuja existência elas tornam possível pelo seu trabalho, mas de cuja riqueza não possuem mais do que uma quota mínima” (1927/1996, v. XXI, p. 9). Ademais, Pellegrino (1983) ressalta que, na sociedade moderna, ocorre a instituição de um pacto social, no qual se renuncia ao princípio do prazer para se adequar ao princípio da realidade, na medida em que se aceita renunciar a uma onipotência primitiva e assumir os valores da cultura. No entanto, a Lei da Cultura implica deveres e direitos que, se desrespeitados, podem gerar graves consequências. Em suas palavras: “se o trabalhador for desprezado e agredido pela sociedade, tenderá a desprezá-la e agredi-la, até um ponto de ruptura [do pacto social]” (1983, p. 6). Quando isso ocorre, o autor afirma que uma das consequências é a sociopatia.

Na segunda parte do livro, Hitler inicia tecendo considerações a respeito do papel do

¹O conceito de personificação, segundo Klein (1929), se refere a um mecanismo de defesa que utiliza a construção de personagens a partir de identificações com objetos bons ou maus, sendo essas imagens estágios intermediários entre um superego ameaçador e as identificações mais próximas do real.

Estado, o qual enxerga como “um meio para um fim” (1926/2018, p. 282): a conservação da raça, elemento considerado por ele o “criador” do Estado. Somente conservando os elementos raciais seria possível disseminar a cultura pelo mundo. Nesse ponto é que, para Hitler, reside a razão do povo alemão não ser “senhor do globo terrestre” (1926/2018, p. 284), uma vez que carece de um instinto gregário que uniria a todos para enfrentarem seus inimigos e, assim, estabelecerem a “paz” como dominadores de todos os povos. Sobre este último aspecto, ele discorre sobre o que chama de “cegueira pacifista” (1926/2018, p. 101) – a qual ele responsabiliza o povo judeu e sua suposta ligação com o movimento marxista – que consiste em não almejar expandir as fronteiras de sua nação para territórios próximos, mas apenas manter colônias distantes e fortalecer a indústria e o comércio internacional.

Em sua carta endereçada a Albert Einstein, Freud (1933/1996) faz algumas considerações a respeito da guerra e do pacifismo. De acordo com ele, o mais comum é que as pessoas sejam contrárias a conflitos pois estes se constituem “[...] na mais óbvia oposição à atitude psíquica que nos foi inculcada pelo processo de civilização, e por esse motivo não podemos evitar nos rebelar contra ela [a guerra]” (1933/1996, v. XXII, p. 142). No entanto, ele diz que não se deve tentar eliminar as inclinações agressivas da humanidade, mas desviá-las de tal modo que não precisem encontrar expressão na guerra.

Um estudo que pode auxiliar a compreender o paradoxo entre a tendência humana de ser contra a guerra e o desejo nazista pela mesma é a “escala F” publicada por Adorno (1950), na qual identificou uma série de características comuns às personalidades autoritárias. Uma das dimensões analisadas é chamada de “agressão autoritária”, em que o autor descreve que indivíduos forçados a viver sob restrições rígidas elegem um objeto para descarregar seus impulsos agressivos-destrutivos, considerando que há pessoas que devem ser punidas por suas injustiças. Adorno aponta que a raiz de tal hostilidade provém do deslocamento de uma agressividade que não pode ser direcionada às autoridades de um grupo por seus membros serem psicologicamente incapazes de fazê-lo devido à repressão. Assim, ao atribuir-se imoralidade ao inimigo, as tendências inibitórias do indivíduo quanto à agressividade apontadas por Freud (1933/1996) são combatidas.

Refletindo sobre a política externa no período pós-Guerra, Hitler diz que esta deveria servir para recuperar a liberdade que se perdera no território alemão. Mais uma vez ele aponta que um caminho seria conquistar novos territórios na Europa, sugerindo a Inglaterra como aliada, visto que esta obteria vantagem ao impedir uma hegemonia francesa no continente. Posteriormente, sugere um segundo possível aliado, a Itália que

teria benefícios como expandir seus territórios na bacia do Mediterrâneo.

Sigmund Freud (1927/1996) faz uma importante contribuição a respeito de um sentimento hostil em relação a culturas estrangeiras. Em suas palavras:

A satisfação narcísica proporcionada pelo ideal cultural encontra-se também entre as forças que alcançam êxito no combate à hostilidade para com a cultura dentro da unidade cultural. Essa satisfação pode ser partilhada não apenas pelas classes favorecidas, que desfrutam dos benefícios da cultura, mas também pelas oprimidas, já que o direito a desprezar povos estrangeiros as compensa pelas injustiças que sofrem dentro de sua própria unidade. [...] Isso porque, por outro lado, as classes oprimidas podem ser emocionalmente ligadas a seus senhores; apesar de sua hostilidade para com eles, podem ver neles os seus ideais (FREUD, 1927/1996, v. XXI, p. 10).

Além disso, em “Moisés e o Monoteísmo” (1939/1996), o psicanalista faz uma análise a respeito dos regimes totalitários que estavam estabelecidos no final dos anos 1930, citando os governos stalinista na União Soviética e fascista de Benito Mussolini, além de fazer menção à própria Alemanha, defendendo que “[...] no caso do povo alemão, [...] uma recaída numa barbárie quase pré-histórica pode ocorrer [...]” (1939/1996, v. XXIII, p. 34).

3.2.4 INDÚSTRIA DE PROPAGANDA E PSICOLOGIA DAS MASSAS

Na concepção de Hitler, a razão pela qual o movimento pangermanista não havia obtido sucesso até então se devia ao fato de líderes anteriores pouco compreenderem a psicologia da massa, não concentrando seus esforços em um único adversário.

A respeito da indústria de propaganda, Hitler diz que deve ser sempre orientada em direção à massa, não aos intelectuais. Para ele, “toda propaganda deve [...] estabelecer o seu nível espiritual de acordo com a capacidade de compreensão do mais ignorante dentre aqueles a quem ela pretende se dirigir” (1926/2018, p. 133), pois o sentimento encontra muito mais força que a razão em meio ao povo.

Pode-se pensar na figura de um líder confiável, que instruiria seus exércitos a lidarem com um inimigo compatível com aquele que enfrentavam no campo de batalha. Segundo Freud (1921/1996), uma massa artificial, como um exército, depende da ilusão de que seu líder é alguém que os protege de coações externas. Caso isso não ocorra, há uma ruptura na relação entre o indivíduo e seu ideal do Eu – colocado na figura do líder – provocando uma possível dissolução imediata da massa.

Após o fim da Primeira Guerra Mundial – que marcou a rendição e dissolução do império alemão e formação da República de Weimar – Adolf Hitler decidiu ingressar na política. Isso ocorreu pois ele culpava a imprensa por ridicularizar “a moral e os bons

costumes” (1926/2018, p. 179) antes do conflito e por desacreditar o exército.

O partido que Hitler idealizava dirigia-se às massas. Era necessário conquistá-las por meio de concessões econômicas à classe operária para que pudessem ser convertidos em “fanáticos” da nação. Tal processo de conversão se iniciaria atendendo a necessidades básicas e, posteriormente, mostrando ao povo que o governo não hesitaria em aniquilar qualquer adversário que se colocasse em seu caminho.

Freud, em seu texto “Psicologia das Massas e Análise do Eu” (1921/2020), diz que uma das características que diferencia uma mera “multidão” desorganizada de uma massa cuja vida anímica atingiu um nível superior² é que ela “se relacione com outras formações de massas semelhantes a ela, mas diferentes em muitos pontos; por exemplo, que rivalize com elas” (1921/2020, p. 66). Ou seja, as diferenças entre o grupo e seus “inimigos”, os faz adquirirem uma “alma coletiva”.

Para Freud (1930/1996), a causa para fanatismos – sejam eles religiosos ou políticos – estava ligada a uma tentativa das pessoas de serem poupadas de suas neuroses individuais, fixando-se em um estado de infantilismo psicológico e sendo arrastadas a um delírio de massa.

Hitler discorre sobre a importância de se conquistar adeptos entre os antinacionalistas e sobre como organizaria seu governo. Em sua visão, a essência do movimento é ser antiparlamentarista e basear-se na autoridade do chefe, que contaria, no máximo, com conselhos consultivos.

Para o autor, a massa era naturalmente preguiçosa e poderia ser influenciada por um discurso que apelasse ao sentimento. Ele ressalta a importância de comícios populares pois “o indivíduo que se sente inclinado a tomar parte em um movimento, mas receia ficar isolado, recebe, pela primeira vez, a impressão de uma coletividade maior, o que provoca na maior parte dos espíritos um estímulo e um encorajamento” (1926/2018, p. 341).

Em “O Futuro de uma Ilusão” (1927/1996), Freud concorda que as massas são preguiçosas e somente “[...] através da influência de indivíduos que possam fornecer um exemplo e a quem reconheçam como líderes, as massas podem ser induzidas a efetuar o trabalho e a suportar as renúncias de que a existência depende” (1927/1996, v. XXI, p. 6). Ademais, o autor acrescenta que na massa ocorre uma atrofia da individualidade do sujeito, reduzindo sua autonomia, senso crítico e opinião pessoal.

Em 1921, Hitler assumiu a função de diretor de propaganda do Partido Nacional

²Massas minimamente estruturadas e até mesmo capazes de criar, ao longo da história, línguas e culturas pela capacidade mútua de os indivíduos se influenciarem (FREUD, 1921).

Socialista. No cargo que exerceria, criou uma propaganda agressiva que garantisse que seus afiliados fossem somente “homens radicais” (1926/2018, p. 419).

Sobre esse aspecto, Freud (1939/1996) argumenta que um “grande homem” influencia seus semelhantes pela ideia que apresenta e por sua personalidade. Segundo o autor, “[...] essa ideia pode acentuar alguma antiga imagem de desejo das massas, ou apontar um novo objetivo de desejo para elas, ou lançar de algum outro modo seu encantamento sobre as mesmas” (1939/1996, v. XXIII, p. 70).

3.2.5 EUGENIA E NECROPOLÍTICA

Nos anos que antecederam a Primeira Guerra Mundial, Hitler mudou-se para Munique e apresentou pela primeira vez a ideia de um controle populacional, alegando que uma limitação no número de nascimentos faria com que só os mais “fortes e sãos” sobrevivessem e procriassem.

Discorrendo sobre o tema racial, defendeu a posição de que os mais “fortes” não devem se misturar com os mais “fracos”. Para o autor, um eventual pacifismo só seria possível após a guerra, com a raça ariana governando a todos. Somente o povo ariano poderia ser visto como fundador de cultura, tendo talento inato para a criação, enquanto os demais são meros imitadores ou destruidores – especialmente os judeus.

Em “O Mal-estar na Civilização” (1930/1996), Freud argumenta a respeito de um conceito denominado “narcisismo das pequenas diferenças”, no qual se observam rixas entre comunidades próximas e com semelhanças culturais. De acordo com o autor, esse narcisismo era importante para construir a identidade de um povo, no entanto, ele alertou que, se excedidos certos limites dessa agressividade, não se poderiam imaginar as consequências negativas. Um dos exemplos dados pelo psicanalista é justamente o sonho de domínio mundial germânico e seu antissemitismo.

A respeito da questão supracitada, Hitler propõe um impedimento de procriação aos mais doentes, visto como “a mais humana das medidas” (1926/2018, p. 188) para que se crie uma sociedade saudável.

Freud (1930/1996) comenta que a civilização tem como um de seus pilares a presença de restrições a instintos sexuais e agressivos, que geram, no entanto, frustrações.

Refletindo ainda sobre a derrota alemã na Grande Guerra, Hitler faz a primeira sugestão de seus futuros campos de extermínio, dizendo que “se, no começo e durante a Guerra, tivéssemos submetido à prova de gases asfixiantes uns 12 ou 15 mil desses judeus, [...] não se teria visto o sacrifício de milhões de nossos compatriotas das linhas

de frente” (1926/2018, p. 487).

3.3 CONSTRUÇÃO DO POVO JUDEU COMO INIMIGO A SER DESTRUÍDO

Um aspecto muito importante de seu discurso de ódio começou a ser construído quando se mudou para Viena, pois “[...] abriram-se-me os olhos para dois perigos [...]: marxismo e judaísmo” (1926/2018, p. 22).

Um ponto importante destacado por Freud (1930/1996) é que a perseguição aos judeus era algo muito anterior à passagem do século XIX para o XX, recordando os massacres ao povo judaico ocorridos na Idade Média pelos cristãos. Ele traz também a informação de que a busca por eliminar um inimigo não torna um período mais pacífico, muito pelo contrário, torna-o mais violento. Tal premissa é exemplificada quando o psicanalista relembra que um dos fundamentos da comunidade cristã postulados pelo Apóstolo Paulo era o amor universal entre os homens que, no entanto, teve como consequência inevitável “[...] uma extrema intolerância por parte da cristandade para com os que permaneceram fora dela [...]” (1930/1996, v. XXI, p. 72).

Durante o período da mudança para Viena, Hitler começou a se atentar mais ao povo judeu e a enxergar aspectos que julgou contraditórios, acreditando que os sionistas e liberais viviam apenas uma luta aparente entre si, tendo como real objetivo uma suposta dominação mundial. Começou a ver a influência judaica na imprensa, arte e literatura, passando a crer que os judeus eram os responsáveis pela disseminação da social-democracia e de ideias marxistas em seu país, utilizando-se da imprensa para combater o nacionalismo alemão. Ao combatê-los, ele julgava estar realizando a “obra de Deus” (1926/2018, p. 52), pois “se o judeu, com o auxílio do seu credo marxista, conquistar as nações do mundo, a sua coroa de vitórias será a coroa mortuária da raça humana [...]” (1926/2018, p. 52).

Pensando-se no segundo dualismo pulsional instituído por Freud (1920/1996), há aqui uma possível expressão dos chamados instintos de morte, sob a faceta da destrutividade voltada a objetos do mundo externo, assim como descrito pelo psicanalista em “O Mal-estar na Civilização” (1930/1996): “[...] uma parte do instinto é desviada no sentido do mundo externo e vem à luz como um instinto de agressividade e destrutividade” (1930/1996, v. XXI, p. 75).

Acrescenta-se uma reflexão elaborada por Freud em “Moisés e o Monoteísmo” (1939/1996) a respeito do antissemitismo e os fundamentos no qual um fenômeno de tal intensidade se baseia. Segundo o autor, destacam-se o fato de os judeus viverem como minorias entre outros povos, bem como o fato de desafiarem a opressão e resistirem a

perseguições. Freud elenca outros motivos relevantes e aponta uma razão desse fenômeno ter sido incorporado ao nazismo:

Aventuro-me a asseverar que o ciúme para com o povo que se declarou o filho primogênito e favorito de Deus Pai ainda hoje não foi superado entre os outros povos; é como se estes tivessem pensado que havia verdade na reivindicação. Ademais, entre os costumes pelos quais os judeus se tornam separados, o da circuncisão causou impressão desagradável e sinistra, que deve ser explicada, indubitavelmente, por ela lembrar a temida castração e, juntamente com ela, uma parte do passado primevo que fora alegremente esquecida. E finalmente, como último motivo dessa série, não devemos esquecer que todos os povos que sobressaem em seu ódio pelos judeus se tornaram cristãos apenas em épocas históricas tardias, amiúde impulsionados a isso por sanguinolenta coerção. [...] Ainda não superaram um ressentimento contra a nova religião que lhes foi imposta, mas deslocaram esse ressentimento para a fonte de onde o cristianismo os foi buscar. [...] Seu ódio pelos judeus é, no fundo, um ódio pelos cristãos, e não precisamos surpreender-nos de que, na revolução nacional-socialista alemã, essa relação íntima entre as duas religiões monoteístas encontre expressão tão clara no tratamento hostil que é dado a ambas (FREUD, 1939/1996, v. XXIII, p. 59).

Durante a chamada Grande Guerra, Hitler relata grande felicidade por ter vivido este momento, pois enxergava no conflito uma chance de o povo alemão lutar por sua existência e por seu futuro. Para ele, não havia como separar a ideia de heroísmo daquilo que fora o exército alemão na guerra. Contudo, ele relata grande decepção ao ver os “melhores elementos da nação” (1926/2018, p. 126) morrendo no front enquanto muitos que ficaram trabalhando em seus lares cederam às “ideias marxistas trazidas pelos judeus” por falta de combate do governo a esses princípios. Nesse momento, ele diz que a única forma de evitar a propagação de uma ideia é a “exterminação irreduzível do último dos adeptos” (1926/2018, p. 126).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa se propôs a realizar uma análise discursiva da autobiografia “Minha Luta” de Adolf Hitler, explorando as interações entre os aspectos afetivo-relacionais e o cenário político que permeiam a obra. Utilizando como método de análise a perspectiva psicanalítica de Sigmund Freud, examinamos estas duas categorias. No primeiro grupo, exploramos a relação de Hitler com os objetos parentais e suas ambições artísticas, focando principalmente em suas frustrações. Identificamos como suas experiências da juventude, suas aspirações criativas e os conflitos emocionais moldaram a constituição de sua identidade e influenciaram suas ideias. Por outro lado, o segundo grupo abrangeu uma análise dos temas políticos que envolveram a Viena multicultural, a dinâmica econômica e estratificação social, sua concepção de Estado germânico, a indústria de propaganda e psicologia das massas, bem como a eugenia e necropolítica.

Ao explorar essas duas categorias, buscou-se entender como Hitler construiu uma narrativa complexa, unindo aspectos pessoais a um discurso político agressivo. A construção do povo judeu como inimigo a ser destruído surgiu como um fio condutor. Por meio da análise psicanalítica, argumentamos que a transformação dos judeus em inimigos não era apenas uma estratégia política, mas também uma manifestação dos conflitos e frustrações pessoais de Hitler, projetados em um “outro” que ele percebia como uma ameaça ao ideal de nação ariana. Esta pesquisa também procurou destacar a complexidade do movimento nazista, revelando como as aspirações, sentimentos e temores do líder de um partido político se fundiram para moldar sua visão de mundo e suas ações. Com a realização desta pesquisa, esperamos contribuir para o entendimento das raízes do pensamento de Adolf Hitler da interação entre fatores individuais e políticos na formação de ideologias extremistas.

No entanto, pelo fato de esta pesquisa ter como base apenas a autobiografia do autor – lançada antes mesmo de sua ascensão ao poder – muitos aspectos importantes de seu discurso não foram abordados, podendo ser objetos de estudo para novas pesquisas futuras.

5. REFERÊNCIAS

ADORNO, T.W. (1950). **Estudos sobre a personalidade autoritária**. São Paulo: Editora Unesp, 2019. Tradução de: Virginia Helena Ferreira da Costa.

AZEVEDO, M.K.; NETO, G.A.R.M. O desenvolvimento do conceito de pulsão de morte na obra de Freud. **Revista subjetividades**, v. 15, n. 1, p. 67-75, 2015.

CAPELATO, M.H.R. O nazismo e a produção de guerra. **Revista USP**, n. 26, p. 82-93, 1995. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/28150/29961>>. Acesso em: 29 Mar. 2022.

FIGUEIREDO, L.C. **Cuidado, saúde e cultura: trabalhos psíquicos e criatividade na situação analisante**. 1.ed. São Paulo: Escuta, 2014.

FIGUEIREDO, L.C.; MINERBO, M. Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo. **Jornal de Psicanálise**, v. 39, n. 70, p. 257-278, 2006.

FREUD, S. (1905). **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud: Um Caso de Histeria, Três Ensaios sobre Sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)**, v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1908). **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud: “Gradiva” de Jensen e outros trabalhos (1906-1908)**, v. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1914). **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud: A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)**, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1915). **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud: A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)**, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1920). **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud: Além do Princípio de Prazer, Psicologia de Grupo e outros trabalhos (1920-1922)**, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1921). **Psicologia das massas e análise do eu**. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2020.

FREUD, S. (1927). **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud: O Futuro de uma Ilusão, O Mal-Estar na Civilização e outros trabalhos (1927-1931)**, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1930). **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud: O Futuro de uma Ilusão, O Mal-Estar na Civilização e outros trabalhos (1927-1931)**, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1933). **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud: Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise e outros trabalhos (1932-1936)**, v. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1937). **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud: Moisés e o Monoteísmo, Esboço de Psicanálise e outros trabalhos (1937-1939)**, v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1939). **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud: Moisés e o Monoteísmo, Esboço de Psicanálise e outros trabalhos (1937-1939)**, v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HITLER, A. (1926). **Minha Luta**. São Paulo: Editora Geek, 2018.

KLEIN, M. (1929). Personificação no brincar de crianças. In: **Obras Completas de Melanie Klein**, v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

MINAYO, M. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucited Editora, 2014.

PELLEGRINO, H. Pacto edípico e pacto social (Da gramática do desejo à sem-vergonhice brasileira). **Folha de S. Paulo**, 1983.

Contatos: cassiel.siegl@mackenzista.com.br e eduardo.prado@mackenzie.br